

ESCREVIVÊNCIA HABITACIONAL

A autoconstrução como forma de resistência

Gizele Ribeiro Corner

UFRJ; Escola da Cidade | gizelecorner@gmail.com

EIXO TEMÁTICO: História, Memória e Patrimônio

Resumo: O presente trabalho propõe a análise da trajetória de uma autoconstrução habitacional familiar localizada na favela Nova Brasília, Complexo do Alemão no Rio de Janeiro, compreendida a partir da memória e das práticas de ocupação e construção realizadas por diferentes gerações. Trata-se de uma escrevivência habitacional baseada em relatos orais e experiências pessoais que revelam dimensões: social, cultural e econômica da produção do espaço urbano em contextos populares. A narrativa aborda a trajetória familiar e suas reinvenções frente às necessidades cotidianas, articulando a chegada das famílias paterna e materna ao território com as memórias pessoais da autora sobre pertencimento, posse e ocupação do imóvel. A casa foi construída e reformada progressivamente, de acordo com as demandas familiares, por meio do esforço coletivo, caracterizando-se como exemplo típico de autoconstrução vernácula no contexto urbano brasileiro. Essa prática não se restringiu ao núcleo familiar inicial pois ao longo do tempo, a cultura da autoconstrução foi reproduzida pelas gerações seguintes da família em outros pontos da cidade, reafirmando o caráter coletivo e intergeracional dessa forma de produzir moradia. A pesquisa busca compreender a autoconstrução como processo de resistência e pertencimento, em que a ausência de posse formalmente legitimada é compensada pela força das relações sociais e pelos acordos orais que sustentaram a permanência da família no território, articulando estudos urbanos, memória social, oralidade, levantamento e documentação de acervo familiar através de fotografias e outros documentos, além das análises construídas a partir da linguagem arquitetônica. O trabalho insere-se no eixo História, Memória e Patrimônio, ao evidenciar como memórias individuais e coletivas revelam práticas construtivas que escapam ao modelo formal da arquitetura e urbanismo, mas que constituem um patrimônio vivo e essencial para a compreensão da cidade e de sua diversidade cultural.

Palavras-chave: autoconstrução; escrevivência; memória social; práticas vernaculares; direito à cidade.

HOUSING LIFE-WRITING: SELF-BUILDING AS A FORM OF RESISTANCE

Abstract: This study proposes an analysis of the trajectory of a family self-built dwelling located in the Nova Brasília favela, in the Complexo do Alemão, Rio de Janeiro. The analysis is developed through memory and the practices of occupation and construction carried out by different generations. It is conceived as a housing life-writing (escrivência) based on oral testimonies and personal experiences that reveal social, cultural, and economic dimensions of urban space production in popular contexts. The narrative addresses the family trajectory and its reinventions in response to everyday needs, linking the arrival of the paternal and maternal families to the territory with the author's personal memories of belonging, possession, and occupation of the dwelling. The house was progressively built and renovated according to family demands through collective effort, becoming a typical example of vernacular self-construction within the Brazilian urban context. This practice did not remain restricted to the initial family nucleus; over time, the culture of self-building was reproduced by subsequent generations in other parts of the city, reaffirming the collective and intergenerational character of this mode of housing production. The research seeks to understand self-construction as a process of resistance and belonging, in which the absence of formally legitimized ownership is compensated by the strength of social relations and oral agreements that sustained the family's permanence in the territory. The study combines urban studies, social memory, oral history, documentation of family archives through photographs and other records, as well as analyses grounded in architectural language. It is framed within the field of History, Memory, and Heritage by demonstrating how individual and collective memories reveal building practices that escape the formal model of architecture and urbanism, yet constitute a living heritage essential to understanding the city and its cultural diversity.

Keywords: self-construction; life-writing; social memory; vernacular practices; right to the city.

ESCRIBIVENCIA HABITACIONAL: LA AUTOCONSTRUCCIÓN COMO FORMA DE RESISTENCIA

2

Resumen: El presente trabajo propone el análisis de la trayectoria de una autoconstrucción habitacional familiar ubicada en la favela Nova Brasília, en el Complexo do Alemão, en Río de Janeiro, comprendida a partir de la memoria y de las prácticas de ocupación y construcción realizadas por diferentes generaciones. Se trata de una escribivencia habitacional basada en relatos orales y experiencias personales que revelan dimensiones sociales, culturales y económicas de la producción del espacio urbano en contextos populares. La narrativa aborda la trayectoria familiar y sus reinventiones frente a las necesidades cotidianas, articulando la llegada de las familias paterna y materna al territorio con las memorias personales de la autora sobre pertenencia, posesión y ocupación de la vivienda. La casa fue construida y reformada progresivamente, de acuerdo con las demandas familiares, mediante el esfuerzo colectivo, caracterizándose como un ejemplo típico de autoconstrucción vernácula en el contexto urbano brasileño. Esta práctica no se limitó al núcleo familiar inicial, ya que con el tiempo la cultura de la autoconstrucción fue reproducida por las generaciones siguientes en otros puntos de la ciudad, reafirmando el carácter colectivo e intergeneracional de esta forma de producir vivienda. La investigación busca comprender la autoconstrucción como un proceso de resistencia y pertenencia, en el que la ausencia de una posesión formalmente legitimada es compensada por la fuerza de las relaciones sociales y los acuerdos orales que sostuvieron la permanencia de la familia en el territorio. El estudio articula investigaciones urbanas, memoria social, oralidad, levantamiento y documentación de acervo familiar a través de fotografías y otros registros, además de análisis basados en el lenguaje arquitectónico. El trabajo se inscribe en el eje Historia, Memoria y Patrimonio, al evidenciar cómo memorias individuales y colectivas revelan prácticas constructivas que escapan al modelo formal de la arquitectura y el urbanismo, pero que constituyen un patrimonio vivo y esencial para la comprensión de la ciudad y de su diversidad cultural.

Palabras clave: autoconstrucción; escribivencia; memoria social; prácticas vernáculas; derecho a la ciudad.

1.INTRODUÇÃO

A produção habitacional em contextos populares no Brasil consolida-se por meio da autoconstrução, configurando-se como uma das principais formas de acesso à moradia para parcelas significativas da população urbana. Diante da insuficiência das políticas públicas habitacionais e da exclusão sistemática do mercado formal de terras e imóveis, a autoconstrução emerge não apenas como estratégia de sobrevivência, mas como prática estruturante da própria formação das cidades brasileiras.

No entanto, o senso comum e parte do discurso técnico ainda associam a autoconstrução à precariedade, à informalidade e à marginalidade urbana, desconsiderando sua complexidade social, cultural e espacial. Ao contrário dessa perspectiva, este artigo propõe analisar a autoconstrução habitacional nas favelas e periferias como forma de resposta ativa e resistência às lógicas hegemônicas de produção do espaço urbano, baseadas na formalidade jurídica e na mercantilização da moradia. Neste contexto, o artigo busca compreender as múltiplas nuances que atravessam o fazer da autoconstrução, reconhecendo-a como prática coletiva, intergeracional e territorialmente situada, capaz de articular pertencimento, memória e direito à cidade.

Para tanto, analisa-se a trajetória de uma autoconstrução habitacional familiar localizada na favela Nova Brasília, no Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro. A pesquisa é construída a partir da memória e das práticas de ocupação e autoconstrução realizadas por diferentes gerações, configurando uma escrevivência habitacional que articula relatos orais, memória autobiográfica e análise arquitetônica que revelam dimensões sociais, culturais e econômicas da produção desse espaço urbano. A narrativa articula a chegada das famílias paterna e materna ao território com as memórias da autora acerca de pertencimento, posse e ocupação do imóvel, que foi transformado progressivamente, conforme as demandas familiares, por meio de esforço coletivo, caracterizando-se como exemplo representativo da autoconstrução vernácula no contexto urbano brasileiro.

2.METODOLOGIA

A pesquisa fundamenta-se no conceito de escrevivência, formulado por Conceição Evaristo para registrar a escrevivência habitacional familiar, articulando memória autobiográfica, relatos orais familiares e análise arquitetônica como fontes legítimas de investigação. Parte-se da compreensão de que a experiência vivida constitui dimensão da produção do espaço urbano, especialmente em contextos populares, onde os registros formais frequentemente são escassos ou inexistentes. Nesse sentido, a narrativa em primeira pessoa se configura como instrumento analítico que permite acessar dinâmicas de pertencimento, negociação da posse, transmissão intergeracional da moradia e formas cotidianas de exercício do direito à cidade. A

memória é, portanto, mobilizada como categoria epistemológica e não apenas como recordação individual.

Nessa perspectiva, a experiência vivida afirma-se como fonte legítima de conhecimento crítico sobre a cidade. Sua narrativa desmonta a falsa dicotomia entre "cidade formal" e "informal", demonstrando que a segunda não apenas serve, mas ativamente constrói e sustenta a primeira, mesmo tendo seus direitos sistematicamente negados. A escrevivência permite, assim, humanizar e aprofundar a compreensão das dinâmicas socioespaciais que políticas públicas e dados quantitativos frequentemente ofuscam.

A narrativa estrutura-se em três atos: "Casa Mãe", "O sonho da casa própria" e "A história que se repete", acompanhando a trajetória de três gerações da família e a edificação de três casas. O tema principal, "a autoconstrução como garantia do direito à habitação", perpassa toda a apresentação, revelando como essa prática se torna um mecanismo de resistência, estabilidade e criação de patrimônio familiar diante da ausência ou insuficiência de políticas habitacionais estatais. A história da família tem sua origem na favela Nova Brasília no conjunto de favelas do Complexo do Alemão, zona norte do Rio de Janeiro, onde a primeira moradia foi estabelecida e se tornou o epicentro de toda narrativa familiar.

3.CONTEXTUALIZAÇÃO DO TERRITÓRIO

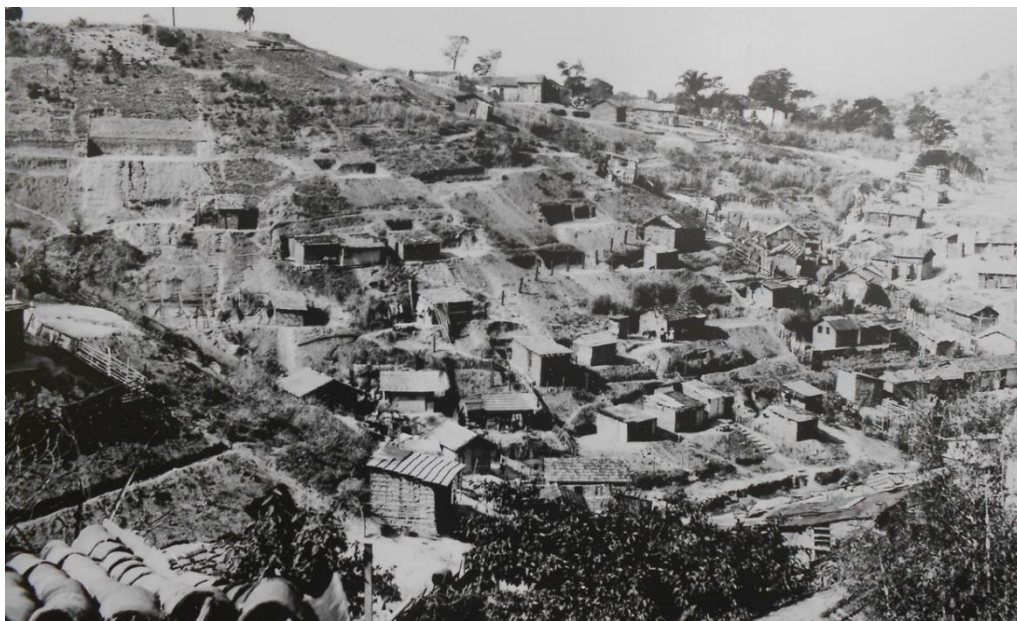
O Complexo do Alemão é um bairro situado na Zona Norte do Rio de Janeiro, na Serra da Misericórdia, que possui um dos maiores complexos de favelas da cidade. Nova Brasília é uma das favelas do bairro com ocupação inicial em 1941(ver figura 1). Segundo Rodrigues (2013), o processo de ocupação da favela ocorreu de forma gradual nas primeiras décadas, intensificando-se significativamente em meados da década de 1950:

A venda de parte da fazenda Camarinha ao IAPC relaciona-se com o processo de ocupação das favelas Morro do Alemão, Grota e Nova Brasília. De acordo com relatos de moradores antigos, na década de 1940 alguns moradores instalaram-se na área com o "consentimento" de funcionários do IAPC que 'tomavam conta' do terreno. [...] A ocupação mais densa da área de Nova Brasília, entretanto, teria ocorrido em meados da década de 1950, através de uma invasão em curto espaço de tempo. Os moradores contam que a favela foi construída "do dia para a noite" (Rodrigues, 2013, p. 48-49).

O nome "Nova Brasília" remete ao contexto histórico da construção e inauguração da capital federal, simbolizando ideais de modernidade, progresso e desenvolvimento. A escolha do nome revela a dimensão simbólica do território, no qual a afirmação de pertencimento e futuro coexistia com a condição de informalidade fundiária.

Desde sua origem (figura 1), contudo, a comunidade enfrenta a ausência recorrente de políticas públicas estruturantes. A precariedade no acesso a serviços básicos, como abastecimento regular de água entre outros, permanece como realidade cotidiana, evidenciando a persistência de desigualdades socioespaciais que atravessam a história do território.

Figura 1:



Ocupações na Favela Nova Brasília

Fonte: Anthony Leeds na exposição "O Rio que se queria negar" no Museu da República, Catete, RJ

É nesse contexto de formação territorial marcada pela autoconstrução, pela negociação informal da posse e pela precariedade de serviços públicos que se insere a trajetória da família aqui analisada. A casa estudada não constitui um caso isolado, mas parte desse processo histórico mais amplo de produção popular do espaço urbano. Ao reconstruir a memória das gerações que ocuparam e edificaram o imóvel, a escriturificação habitacional permite compreender como o direito à cidade é exercido cotidianamente, por meio de práticas concretas de permanência, ampliação e transformação da moradia.

5

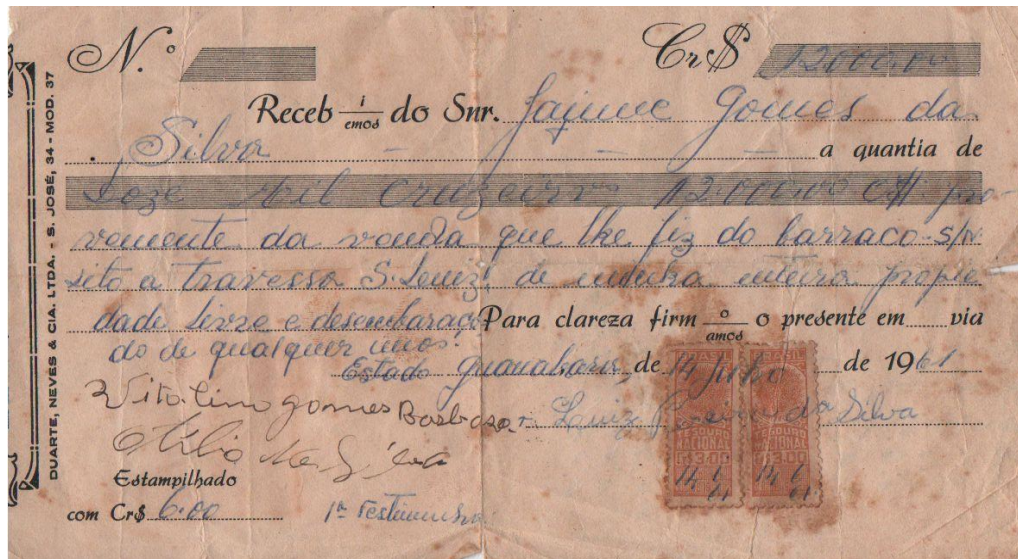
4. ANÁLISE DE CASO

A pesquisa aqui apresentada desenvolve-se a partir da narrativa sobre a chegada das minhas famílias materna e paterna ao território do Complexo do Alemão, especificamente à favela Nova Brasília. Durante muitos anos, sempre se identificou a moradia da família como posse, percepção reforçada pela necessidade de recorrer à associação de moradores para emissão de comprovantes de residência. A compreensão das implicações dessa condição revelou-se gradual e atravessada por lacunas informacionais próprias do território.

Meu avô e avó paternos (1º geração) vindos da cidade de Campos dos Goytacazes, interior do estado do Rio de Janeiro, provavelmente na década de 1960, visto que, em 1961, adquiriu um pedaço de terra com dimensão suficiente para constituir família. Somente no ano passado (2025) obtive a comprovação de que se tratava de uma compra — e não de ocupação, como acreditava-se — ao encontrar um recibo (figura 2) entre os documentos que minha avó guardava, durante conversas com minha avó e pesquisa realizada no acervo familiar para embasar este trabalho, iniciado no curso de

pós-graduação. A crença de que se tratava apenas de uma posse não era casual, mas fruto do histórico fundiário do território. Em áreas marcadas por ocupações graduais, negociações informais e ausência de registro cartorial regularizado, a distinção entre compra, cessão e ocupação tende a se diluir no imaginário coletivo. Assim, mesmo transações monetárias formalizadas por recibos simples passam a ser socialmente interpretadas como “posse”, revelando a complexidade das formas populares de legitimação da propriedade.

Figura 2:

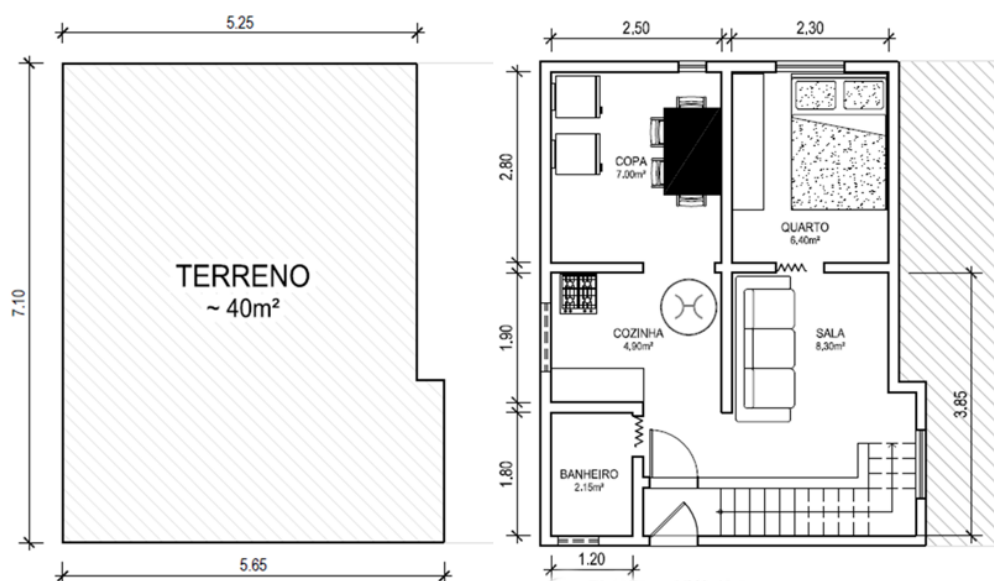


Recibo de compra do barraco na favela Nova Brasília.
Fonte: acervo familiar.

A composição inicial da casa, aqui chamada de "Casa Mãe", era uma meia água com quintal, as condições de moradia eram extremamente simples e modestas. O quintal da casa era usado para criação de animais como porcos e galinhas, que serviam como um complemento essencial para a subsistência da família. Outra questão interessante é que os irmãos de minha avó moraram por muitos anos neste mesmo beco que ela, o que trazia uma noção maior de pertencimento e familiaridade ao território. Com o tempo, esta primeira casa começou a sofrer algumas modificações ao longo dos anos, as que se mantiveram ainda hoje, sendo composta por sala, cozinha, copa, banheiro e quarto, conforme imagem a seguir (figura 3).

A "Casa Mãe" foi o alicerce que permitiu a estabilidade inicial da família, preparando o terreno para o próximo estágio de seu desenvolvimento: a necessidade de expansão para abrigar a geração seguinte.

Figura 3:



Planta baixa da casa da avó paterna ("Casa Mãe").
Fonte: autora.

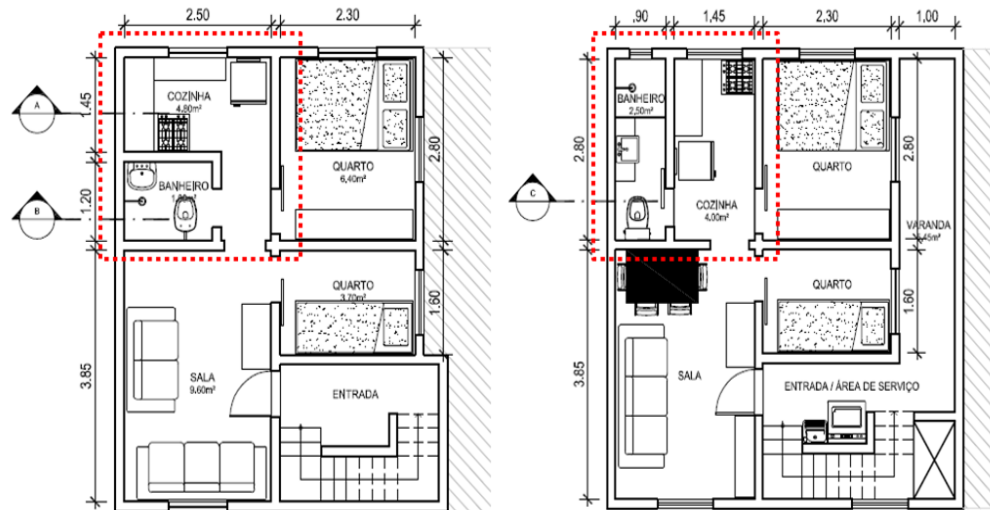
A etapa seguinte pode ser compreendida como a materialização do "sonho da casa própria", meu pai nasceu dentro da casa da minha avó. Sempre foi uma pessoa muito dedicada aos estudos e a todas as coisas que se propunha a fazer, demonstrava profundo conhecimento e apropriação do espaço urbano, conhecia tudo na palma da mão e muito ensinou a todos ao seu redor, mesmo sem saber o que era, sobre direito a cidade. Em sua juventude conheceu minha mãe, que migrou de Minas Gerais para o Rio de Janeiro por meio da malha ferroviária, chegando na Estação do Engenho de Dentro, um bairro próximo ao Complexo do Alemão, para também morar na favela Nova Brasília. Após o casamento (2º geração), no final da década de 1980, enfrentaram dificuldades financeiras e condições precárias de moradia em imóvel alugado, marcado por ventilação insuficiente e impactos diretos na saúde da filha mais velha. Diante desse cenário, a cessão da laje pela matriarca da família configurou-se como alternativa viável à instabilidade do aluguel, possibilitando a construção de uma nova unidade habitacional sobre a "Casa Mãe".

A expansão vertical por meio da cessão de lajes não se apresenta como imprevisto, mas como expressão de um urbanismo vernacular — resposta dinâmica, coletiva e territorialmente situada diante da negligência do Estado e das severas restrições espaciais e financeiras impostas às populações periféricas. A construção da segunda casa da família materializa essa lógica, convertendo a laje em suporte de continuidade geracional e em estratégia concreta de permanência no território.

O processo de autoconstrução foi conduzido em regime familiar, enfrentando limitações materiais e infraestruturais significativas. Inicialmente, a nova moradia não dispunha de banheiro próprio, exigindo o compartilhamento da infraestrutura da casa inferior. A escassez de água era recorrente, demandando o transporte manual a partir

de bicas comunitárias e o apoio de outras residências para tarefas domésticas. Essas condições evidenciam a precariedade estrutural que acompanha grande parte dos processos de urbanização popular.

Figura 4:



Planta baixa da casa dos meus pais ("O Sonho da Casa Própria").
Fonte: autora.

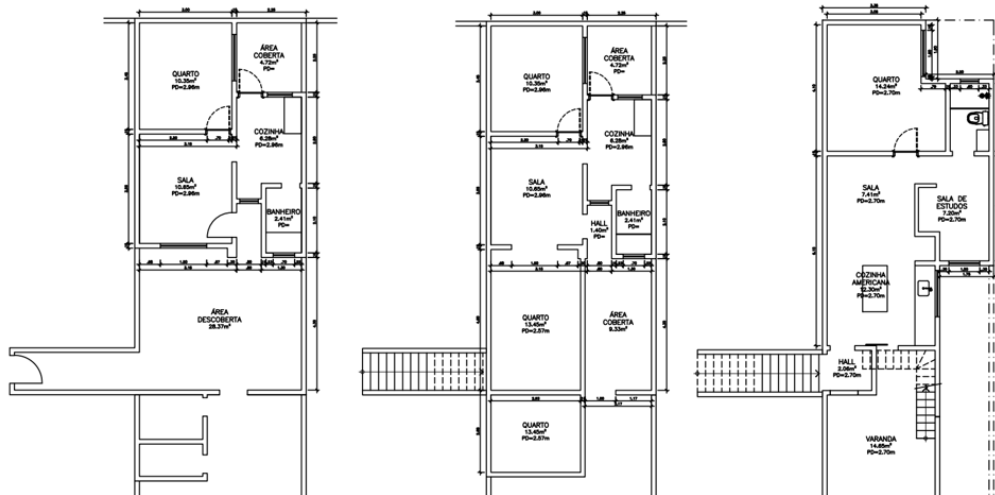
Ao longo do tempo, a casa passou por sucessivas transformações arquitetônicas (figura 4), acompanhando o crescimento da família e revelando a natureza mutável da autoconstrução. O fechamento de uma área originalmente destinada ao lazer infantil possibilitou a criação de novos quartos, a ampliação do banheiro, implicou na modificação da cozinha e outra transformação significativa ocorreu com a doação de aproximadamente um metro do terreno vizinho, gesto que permitiu melhorar a ventilação e a iluminação natural dos ambientes internos. A possibilidade de entrada de luz solar e visualização do céu produziu impacto profundo na qualidade de vida dos moradores, evidenciando a centralidade das condições ambientais na experiência cotidiana da moradia.

A trajetória construtiva consolidou um repertório técnico acumulado por meio da prática, no qual cada ampliação ou ajuste respondia a demandas concretas. O conhecimento adquirido nesse processo — marcado por tentativa, erro e adaptação — constituiu um legado transmitido à geração seguinte, demonstrando que a autoconstrução opera também como forma de aprendizagem e transmissão intergeracional de saberes.

O conceito de repetição intergeracional constitui elemento central nesta parte da narrativa intitulada "A História que se repete", no qual a trajetória da terceira geração reproduz, sob novas circunstâncias, o percurso habitacional das gerações anteriores, onde um jovem casal (3ª geração) revive os dilemas experimentado pelos pais: a instabilidade do aluguel e a dificuldade de acesso ao mercado formal de moradia. A alternativa novamente emergiu no interior da rede familiar, por meio da cessão da laje

pela sogra, cuja própria experiência de insegurança locatícia influenciou a decisão de oferecer o espaço para construção (figura 5), agora em outra parte da cidade.

Figura 5:



Planta baixa da casa da minha família ("A história que se repete").
Fonte: autora.

A construção da terceira casa reafirma o caráter coletivo da autoconstrução. O processo foi realizado em regime de mutirão, reunindo familiares e amigos para bater a laje — prática recorrente nas periferias urbanas brasileiras, na qual o ato construtivo adquire dimensão social e simbólica. O primeiro momento de ocupação da casa, ainda inacabada, representou marco de conquista coletiva e materialização do esforço compartilhado.

Essa experiência, marcada por repetição intergeracional, amplia a compreensão da autoconstrução para além de sua dimensão técnica, revelando-a como prática social, afetiva e política de permanência no território.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória habitacional apresentada ao longo deste artigo evidencia que a autoconstrução, em contextos populares urbanos, não pode ser reduzida à categoria de precariedade ou improviso. Ao contrário, revela-se como prática estruturante da produção do espaço nas periferias brasileiras, articulando estratégias de permanência, solidariedade familiar, transmissão de saberes e construção de pertencimento territorial.

No território de Complexo do Alemão, especificamente na favela Nova Brasília, a experiência analisada demonstra como a moradia se consolida por meio de processos incrementais, negociações informais de posse, cessões de laje e mutirões comunitários. Tais práticas configuram um urbanismo vernacular que responde, de forma ativa, à insuficiência das políticas públicas habitacionais e à exclusão do mercado formal de terras.

A escrevivência habitacional, fundamentada no conceito de Conceição Evaristo, enquanto procedimento metodológico, torna válida a memória como categoria epistemológica e reconhece a experiência vivida como fonte legítima de conhecimento sobre a cidade. Ao tensionar a dicotomia entre formal e informal, a narrativa evidencia que a chamada “cidade informal” não é margem passiva, mas agente constitutivo da própria estrutura urbana.

A repetição intergeracional da autoconstrução, observada ao longo das três gerações analisadas, revela que essa prática não se limita à solução emergencial de moradia, mas constitui mecanismo de reprodução social, de transmissão de capital técnico e simbólico e de consolidação patrimonial. A laje, nesse contexto, deixa de ser apenas elemento estrutural para assumir papel de suporte material da continuidade familiar.

Ademais, a dimensão afetiva e simbólica da casa emerge como componente central da experiência urbana. A ampliação da moradia, a entrada de luz natural, o primeiro almoço em ambiente ainda inacabado demonstra que o espaço construído é também espaço de memória, resistência e afirmação de dignidade.

Conclui-se, portanto, que a autoconstrução deve ser compreendida como prática política e territorial, capaz de materializar, no cotidiano, o exercício do direito à cidade. Reconhecer sua complexidade implica deslocar o olhar técnico da lógica exclusivamente normativa para uma perspectiva que considere os saberes populares, os arranjos familiares e as formas comunitárias de produção do espaço como dimensões constitutivas da urbanização brasileira.

Ao inscrever a experiência habitacional no debate acadêmico, este estudo contribui para ampliar a compreensão da produção popular da cidade, reafirmando que, nas periferias urbanas, construir a própria casa é também construir pertencimento, memória e futuro.

6.REFERÊNCIAS

BONDUIKI, Nabil. *Origens da habitação social no Brasil: arquitetura moderna, lei do inquilinato e difusão da casa própria*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. 3. ed. - Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Ática, 2020.

RODRIGUES, Rute Imanishi (Coord.). *Histórico fundiário e da urbanização do Complexo do Alemão*. Brasília: IPEA, 2013.